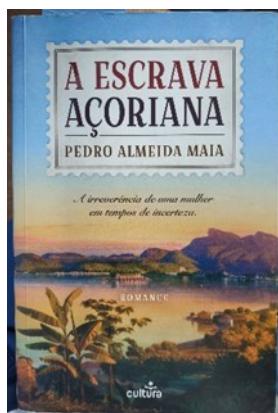


"Dois Livros por Trimestre"

Luís Almeida



ESCRAVA AÇORIANA

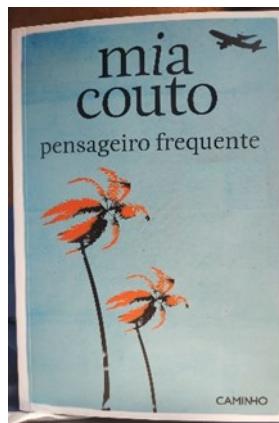
Pedro Almeida Maia:

Em "A Escrava Açoriana", Pedro Almeida Maia, através de um discurso amplamente sinestésico e cruelmente objetivo, traz-nos a passagem do século XIX para o XX, vivida nos Açores, em especial o fenómeno da emigração, e no país, pintalgada com os principais acontecimentos históricos mundiais que se fizeram sentir no arquipélago. E para isso serve-se de Rosário, como força motriz da ação, e da filha, como responsável pela narração.

Ao acompanharmos a vida da personagem micaelense, ficamos a conhecer os Açores profundamente machistas, pobres e fonte de emigração (em novecentos para o Brasil, para onde parte Rosário, e, no séc. XX, para as Américas, para onde rumava a filha). Rosário nunca chega a ser criança nem sequer adolescente.... É sempre uma Mulher que procura incessantemente melhores condições de vida, a riqueza material que nunca teve - e que nunca terá! Todavia, é a sua alma, tão intensa, tão forte, tão aberta, tão decidida que (a) vai engrandecendo e que a ajuda a mudar os mundos por onde passa. Ela revela-se uma tenaz e perspicaz ativista, por exemplo, pelo fim da escravatura e na defesa dos direitos da Mulher. Por isso, a energia e a determinação desta pontadelgadense conforta-nos (a nós, leitores) também a alma ao mesmo tempo que a amparamos, quando é vergada pelas forças maléficas - porque qualquer um de nós podia ser Rosário!

Rosário termina a sua viagem desafiadora e riquíssima, do ponto de vista pessoal e cultural, com a sensação de dever cumprido, em especial no que toca aos seus ideais. A família, que se foi perdendo ao longo dos anos, reencontra-se. Assim, Rosário revê a filha que deixara ainda bebé no Convento da Esperança, revê o marido que não lhe perdoa não ter regressado a casa e conhece a neta. Este reencontro, creio, era por que a nossa heroína ainda ansiava para poder continuar a viver (e posteriormente morrer) em paz.

Em suma, quem se quiser aventurar com uma personagem pobre, inteligente e ambiciosa, deixando S. Miguel, no séc. XIX, com destino ao Brasil e regressar à Ilha, já no séc. XX, tem, neste romance, uma oportunidade ímpar de embarcar numa história ficcional muito bem engendrada, enformada por verídicos e excitantes episódios históricos



PENSAGEIRO FREQUENTE

Mia Couto:

Eis um livro excelente para se ler nas férias: vinte e seis curtos textos, de leitura rápida sobre as algumas maravilhas paisagísticas e humanas de Moçambique, que nos fazem sonhar no presente e nos impulsionam a considerar umas férias nesse paraíso de África virado para Índico. São textos ligeiros, "cujo destinatário não é exatamente um leitor 'típico', mas um passageiro que pretende vencer o tempo e, tantas vezes, o medo de viajar.", explica, na "Nota Introdutória", Mia Couto.

Destaco três textos. "Um outro final de tempo" incide sobre o milénio como marcação de tempo que "se associa ao advento da calamidade, ao final do mundo." Todavia, desde 31 de dezembro de 999, quando se iniciou esta onda, que o fim do mundo nunca aconteceu - tal como no interior de Moçambique não há termo que designe o futuro. "As pessoas possuíam, evidentemente, noção da existência de um porvir. Mas não nomeavam esse tempo vindouro." Em "Outras globalizações", Mia Couto conta-nos História de Moçambique do ponto de vista deste país: afinal, os portugueses não foram os primeiros a chegar a Moçambique, mas sim o almirante chinês Zeng He, em 1403. E o Índico também já era navegado e explorado muito antes de nós lá termos chegado. Por fim, adorei a "Carta de Ronaldinho". É uma história de um velho que passa o tempo a ver futebol num café decrépito através de um ecrã que desenhou numa das paredes.

Em suma, agora é fácil decifrar o título desta coletânea - um saboroso trocadilho da expressão "Passageiro Frequent". Portanto, se é um "Pensador Passageiro", isto é, alguém que gosta de viajar e apreciar as paisagens física e humana, que gosta de se integrar e conhecer os segredos dos locais e das suas comunidades, que gosta de voltar onde já esteve, que gosta de imaginar outros mundos (físicos e humanos) além dos que já conhece, não pode perder estes magníficos postais em que a realidade, muitas vezes, se mistura com a criatividade de Mia Couto e com o mistério dos ares africanos.